



Uma proposta multimodal de análise de narrativas: gestos e direção do olhar na marcação de espaços mentais

André Lisboa* e Maíra Avelar

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Estrada Bem Querer, Km-04, 45083-900, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Autor para correspondência.
E-mail: euandreisboa@gmail.com

RESUMO. O objetivo deste artigo é investigar, a partir de dados multimodais, o papel dos gestos e da direção do olhar na construção e marcação de Espaços mentais em ocorrências narrativas do Português Brasileiro. Para tanto, foram selecionados três excertos da narrativa pessoal proferida pela atriz Marisa Orth no programa *‘Que história é essa, Porchat?’*, do Canal GNT (2019), disponível no YouTube. A fim de embasar teoricamente as discussões, primeiramente, foi discutida a relação entre os Espaços Mentais e os articuladores multimodais, quais sejam: os gestos e a direção do olhar (Sweetser & Stec, 2014). Além disso, foi apresentada a articulação entre os gestos manuais e a marcação de níveis narrativos – narrativo, metanarrativo e paranarrativo –, assim como a marcação de pontos de vista na narrativa – o ponto de vista do personagem (C-VPT) e o ponto de vista do observador (O-VPT). Em termos metodológicos, analisamos qualitativamente as escolhas lexicais de cada ocorrência (Dancygier, 2011) e, então, analisamos os gestos manuais, a partir da identificação e descrição da forma dos núcleos gestuais, de acordo com o Sistema Linguístico de Anotação Gestual - LASG (Bressem, Ladewig, & Müller, 2013). Também foram analisadas a direção e a função do olhar em contextos interacionais. Por fim, foram descritos e interpretados dados quantitativos sobre a duração da direção do olhar. Os resultados demonstram que os gestos e a direção do olhar podem tanto marcar, simultaneamente, o mesmo Espaço mental (seja ele o Espaço-base ou o Espaço Narrativo), assim como podem marcar, simultaneamente, Espaços Mentais diferentes.

Palavras-chave: narrativa; gestos; direção do olhar; espaços mentais.

A multimodal proposal for analysing narratives: gesture and eye-gaze in mental spaces marking

ABSTRACT. The goal of this paper is to investigate, in multimodal data, the role of gesture and eye-gaze in Mental Spaces marking in narrative occurrences of Brazilian Portuguese. For this purpose, three excerpts from a personal narrative given by the Brazilian actress Marisa Orth, on GNT network TV Show *‘Que história é essa, Porchat?’* (How come, Porchat?) (Canal GNT, 2019), were selected from Youtube. In order to support the discussions theoretically, first, the relationship between mental spaces and multimodal articulators, gestures and the eye-gaze (Sweetser & Stec, 2016), was described and explained. In addition, it was presented the articulation between hand gestures and the marking of narrative levels – narrative, metanarrative and paranarrative –, as well as the marking of narrative viewpoints - the character viewpoint (C-VPT) and the observer viewpoint (O-VPT). Methodologically, we have analysed the lexical choices made on each occurrence (Dancygier, 2011), and then proceeded to the analysis of hand gestures, based on the identification and description of gestural strokes of the Linguistic Annotation System for Gestures (LASG) (Bressem, Ladewig, & Müller, 2013). The direction and function of the gaze in interactional contexts were also analysed. Finally, quantitative data on the duration of eye-gaze were described and interpreted. Results show that gestures and eye-gaze can both mark the same Mental Space (the Ground or the Narrative Space), as well as can simultaneously mark different Mental Spaces.

Keywords: narrative; gestures; eye-gaze; mental spaces.

Received on July 25, 2022.
Accepted on February 13, 2023.

Introdução

Analisar narrativas em interações face a face, a partir de uma perspectiva cognitivista, requer que se leve em consideração o modo como o sentido emerge por meio delas. Para que a construção de sentido seja efetiva, é necessário que os participantes não apenas produzam sentenças, mas que as coordenem, de modo que haja a organização de sua fala com a fala dos outros presentes na interação. Essa atividade, de acordo com Goodwin (1983), constitui uma forma de organização social humana pervasiva que estrutura as competências linguística e

cultural das partes envolvidas, considerando, desse modo, que a emergência de sentido nas narrações envolve um processo cognitivo que compreende várias faculdades mentais. Pretendemos, portanto, neste artigo, investigar, a partir de dados multimodais, o comportamento dos gestos e da direção do olhar como marcadores de Espaços mentais em uma narrativa videogravada do Português Brasileiro, proveniente de uma interação em grupo ocorrida no programa televisivo '*Que história é essa, Porchat?*', do Canal GNT (2019). Pretendemos, também, descrever a estruturação multimodal da narrativa, levando em consideração os gestos manuais e a direção do olhar.

Para tanto, apresentaremos, na primeira seção, a definição de Espaços mentais, assim como explicitaremos como os gestos e a direção do olhar funcionam como marcadores desses espaços. Além disso, abordaremos como os gestos e a direção do olhar marcam diferentes pontos de vista, assim como diferentes níveis da narrativa. Na segunda seção, são apresentados os materiais e métodos utilizados. Nesse sentido, descrevemos a disposição do espaço físico em que se encontram os interactantes, assim como as ocorrências selecionadas para análise. Por fim, apresentamos os procedimentos de análise da forma gestual, ancorados no Sistema Linguístico de Anotação Gestual (LASG), assim como os parâmetros de análise de marcação do Espaço-Base e do Espaço narrativo. Na terceira seção, procedemos à análise dos dados, iniciando por uma análise qualitativa das ocorrências e, posteriormente, realizando uma análise quantitativa dos dados relativos à direção do olhar. Na quarta seção, realizamos uma discussão geral dos dados e, na quinta, apresentamos nossas considerações finais.

Referencial teórico

Os gestos e a direção do olhar como marcadores de Espaços mentais

Os Espaços mentais são definidos por Fauconnier (1994) como pacotes conceptuais estabelecidos primariamente por expressões linguísticas e constituem um modelo mental de como o sentido é processado cognitivamente. Na perspectiva de Dancygier e Sweetser (2012), um Espaço mental pode ser ativado por meio da recordação de um evento passado, retomado no curso da conversação que ocorre na situação atual. Para exemplificar, em outro texto, Dancygier (2011, p. 35) explica que, se um falante diz: “[...] eu estava muito cansado noite passada, mas eu estou melhor agora, então me diz o que achou do meu livro [...]”, o falante i) evoca um espaço passado na primeira sentença; ii) descreve seu estado atual na sentença seguinte; e iii) evoca, o espaço do conteúdo do livro, do conteúdo das opiniões do ouvinte em relação ao livro e do turno de fala esperado do ouvinte. Todos esses Espaços mentais são construídos ao longo dessa parte específica da conversação. Nesse exemplo fornecido por Dancygier (2011), fica evidente que os Espaços Mentais são atribuíveis a vários conceptualizadores, como também incluem representações mentais de objetos concretos, movimentos conversacionais, opiniões etc. Além disso, conforme explica a autora, as redes de Espaços mentais podem representar a correlação *online* entre escolhas de expressões linguísticas e o sentido resultante dessa relação. Sendo assim, as narrativas podem ser tratadas como construções linguísticas, isto é, ao mesmo tempo em que é possível identificar escolhas linguísticas na narrativa, é possível, também, observar fatos básicos da estrutura da linguagem. Nesse sentido, a autora afirma que as narrativas são constituídas por uma grande variação de fenômenos linguísticos, que são adaptados a fim cumprir as necessidades linguísticas do evento narrativo. Para exemplificar esse caso em específico, Dancygier (2011) discute o uso do pronome ‘eu’, que pode ser usado para marcar a posição de narrador, o que constitui um constructo narrativo. Assim, esses usos narrativos criam tratamentos referenciais de acordo com as necessidades narrativas, considerando que o ato comunicativo aconteceu em um determinado ‘aqui-agora’.

No entanto, é preciso sinalizar que os Espaços mentais não se resumem apenas a fenômenos linguísticos, mas, de maneira mais ampla, correspondem a fenômenos conceptuais. Nesse sentido, a Teoria dos Espaços mentais é uma ferramenta fundamental na identificação dos detalhes de várias formas da interação e no estabelecimento de correlação entre os enunciados verbais, os enunciados de ações visíveis (Kendon, 2004) – ou seja, os gestos – e o sentido. Logo, acerca da construção de Espaços mentais no contexto narrativo, Sweetser e Stec (2016), que trabalham com vídeos semiespontâneos, afirmam que, na narrativa oral, ocorre o processo de compartilhamento de atenção entre os interactantes, não só por meio dos recursos linguísticos (modalidade verbal), mas também por meio do espaço físico gestual, dos movimentos e ações corporificadas (modalidade gestual). Consequentemente, o que é significativo para esse tipo de análise é a marcação dos pontos de vista dos personagens, situados em um Espaço narrativo e a interação no mundo real, situada no Espaço-base (*ground*). Segundo Fauconnier (1994), em interações face a face, à medida que o discurso se desenvolve, Espaços mentais são criados para alocar informações que superam o contexto imediato. Sendo assim, aplicando as proposições de Sweetser e Stec (2016) aos preceitos básicos estabelecidos por Fauconnier

(1994), os eventos passados sobre os quais se narra (ou se reencena) são construídos no Espaço narrativo, enquanto a interação que ocorre na situação comunicativa imediata é construída no Espaço-base.

Em relação à interação em narrativas, especificamente, é esperado que o falante segmente a narração em componentes menores para falar de eventos passados e para constituir reencenações virtuais desses eventos. Esse fenômeno é crucial para que os ouvintes da narração compreendam apropriadamente o que está sendo dito, uma vez que é necessário determinar se a fala e os gestos que coocorrem com ela estão ancorados no contexto imediato em que a narrativa está sendo contada – ou seja, no Espaço-base – ou, alternativamente, nos eventos que estão sendo narrados, e que, portanto, compõem a narrativa propriamente dita – ou seja, no Espaço narrativo.

Por fim, conforme Sweetser e Stec (2016), os gestos que representam os eventos no Espaço Narrativo ocorrem em uma porção do espaço físico na qual o falante gesticula para tratar especificamente da narração, enquanto os gestos que emergem da interação entre os interlocutores, no ‘aqui-agora’, ocorrem no Espaço-base, no espaço físico situado ao longo da linha falante-ouvinte. Ao estabelecerem uma articulação entre a modalidade da fala e a dos gestos, as autoras afirmam que a modalidade gestual utiliza mais articuladores independentes do que a fala, o que torna a primeira modalidade menos sequencial: diferentes articuladores gestuais de um narrador podem, simultaneamente, encenar diferentes partes de uma cena ou diferentes personagens de uma cena, como será abordado na subseção seguinte.

Os gestos como componentes da estrutura multimodal da narrativa

Os gestos realizados no processo narrativo são, de acordo com McNeill (1995), correspondentes à estrutura da própria narrativa que, por sua vez, se refere à série de eventos que constroem o processo de comunicação de uma história, partindo de uma pessoa para outra(s). A estrutura narrativa, segundo McNeill (1995), é composta por três níveis: i) o nível narrativo propriamente dito; ii) o nível paranarrativo e iii) o nível metanarrativo. Segundo McNeill (1995), o nível narrativo diz respeito aos eventos do mundo da narrativa. Nessa categorização, as informações (que, por sua vez, dizem respeito ao fato narrado) tendem ser destacadas no curso da conversação, para que o ouvinte entenda que a ordem sequencial dos fatos narrados nesse nível faz parte da história propriamente dita, ou seja, da história compreendida como um simulacro de uma sequência de fatos ocorridos no mundo real. Sendo assim, o nível narrativo está no núcleo da preocupação do narrador ao reencenar o evento e pode ser introduzido na fala com sentenças como, por exemplo: naquele dia..., vou te contar a história sobre como eu caí da cadeira.... No que diz respeito aos gestos, o autor afirma que eles possuem um papel crucial na marcação dessas sentenças que fazem parte desse simulacro do mundo real. Nesse sentido, Cassell e McNeill (1990) definem que, no que diz respeito aos gestos que marcam nível narrativo, o tipo mais comum de gestos produzidos, em geral, são os gestos icônicos, uma vez que gestos dessa natureza representam alguma característica da ação, evento ou objeto descritos, reconhecíveis por sua forma e conteúdo. Sendo assim, as sentenças narrativas são acompanhadas por gestos icônicos.

Ainda de acordo com McNeill (1995), os narradores não contam somente o enredo da narrativa. Eles fazem, também, referências explícitas à estrutura da narrativa, à medida em que ela se constrói por meio do enredo. As sentenças ou sintagmas que apresentam a estruturação da narrativa correspondem ao nível metanarrativo. Sendo assim, qualquer referência aos eventos metanarrativos requer a habilidade de manipular a história como uma unidade e de comentar a história como um evento. Diferentemente das sentenças constitutivas do nível narrativo, as sentenças constitutivas do nível metanarrativas não se limitam pela ordem dos eventos. É por essa razão que é crucial marcar as sentenças nos dois níveis: um nível constitui o simulacro do mundo real, outro não. No que diz respeito aos gestos realizados no nível metanarrativo, Cassell e McNeill (1990) explicam que os narradores dizem respeito ao ato de narrar fazendo referências explícitas à estrutura da história que está sendo contada ou à estrutura do evento que está sendo narrado. Essas referências ocorrem acompanhadas dos gestos metafóricos, cujo conceito não possui forma física. Esse tipo de gesto, ainda, aparece nas referências à estrutura da história na qual a narração pode ser comentada na modalidade verbal, bem como apresentada como um objeto na modalidade gestual, evocando a metáfora conceitual ‘ideias são objetos’.

Outro tipo de gesto que os autores relacionam no nível metanarrativo e a outras sentenças cuja função é metapragmática são os gestos rítmicos. Em relação aos gestos rítmicos – que, em inglês são chamados de *Beats*, – de acordo com McNeill (1995), diferentemente dos icônicos e dos metafóricos tendem a possuir a mesma forma, independentemente do conteúdo. Sendo assim, ele classifica o típico gesto rítmico como um simples toque dos dedos ou da mão em um movimento que pode ser descendente ou para frente e para trás. Esse movimento tende a ser curto e rápido e o espaço no qual ele tende a acontecer se encontra na periferia do espaço gestual que, nos termos do autor, são, por exemplo, o assento e o braço da cadeira. Já os gestos

dêiticos, nesse nível, espacializam ou localizam, no espaço físico em frente ao narrador, aspectos da história que está sendo narrada. Para McNeill (1995), os narradores também fazem referência à sua própria experiência ao observar os eventos da narração, o que introduz, então, o nível paranarrativo. Nesse nível, o narrador sai do seu lugar de narrador oficial e assume o papel de falante; ou seja, fala por si, por sua própria personalidade e a ênfase está, portanto, na relação do falante com o ouvinte. Os gestos dêiticos, de acordo com as análises de Cassell e McNeill (1990), foram encontrados, no nível paranarrativo, para apontar para os participantes da cena interativa imediata, que são o(s) falante(s) e ouvinte(s).

A direção do olhar como veiculadora de reencenações

Goodwin e Goodwin (1992) observaram que o olhar possui um papel muito importante na estruturação da participação de falantes e ouvintes na narração de eventos. Nesse sentido, Sidnell (2006) explica que, na narração, os participantes contam e, recorrentemente, reencenam eventos passados. Sendo assim, quando consideramos as reencenações, momentos nos quais eventos do passado são retratados em uma narrativa, por exemplo, os falantes, regularmente, deixam de direcionar o olhar para os co-participantes. Esse redirecionamento, conforme explica Sidnell (2006), é intrinsecamente relacionado a um momento específico da fala, indicando o progresso da narração, quando, por exemplo, o falante deixa de direcionar seu olhar para os interlocutores e olha para cima no momento do curso da interação. Sendo assim, as reencenações envolvem o uso coordenado dos gestos, do olhar e da fala, construindo, dessa maneira, cursos de ação da interação direta com os coparticipantes da conversação, como também, cursos de ação da narração de eventos passados. A autora afirma que o caráter visível das reencenações abre uma janela para os estudos que focalizam nas mudanças (*shifts*) de posição corporal e de perspectiva no curso da interação.

Conforme demonstram Sweetser e Stec (2016), o olhar de um falante, assim como a direção da cabeça e as expressões faciais podem representar ações relativas a uma personagem da narrativa, enquanto as mãos do falante podem representar as ações de outra personagem. Se levarmos em consideração que essas encenações são acompanhadas por enunciados atribuídos a duas personagens da narrativa e tendem a ocorrer na área física destinada ao espaço narrativo, isso não causa um problema na comunicação, uma vez que nem o narrador e nem o falante encontram empecilhos para interpretar que esses enunciados dizem respeito ou à personagem ou ao falante, uma vez que os pontos de vista de cada um estão demarcados por diferentes articuladores corporais.

Material e métodos

A fim de realizar a análise proposta, utilizamos excertos do programa do canal GNT, um dos canais por assinatura do grupo Globo, disponibilizados no YouTube, '*Que história é essa, Porchat?*' (Canal GNT, 2019), apresentado pelo ator e humorista Fábio Porchat. Coletamos, do canal do Youtube da atração, uma narrativa¹ na qual a atriz Marisa Orth relata a experiência de que, quando solteira, saiu para jantar com um rapaz 'muito bem recomendado' por suas amigas e, surpreendentemente, descobriu que se tratava de um homem casado. O episódio foi ao ar no dia 12 de novembro de 2019 e contou com a presença da cantora Ivete Sangalo e da atriz e humorista Samanta Schmütz. Na Figura 1 a seguir, podemos observar a disposição espacial das interações presentes no programa.



Figura 1. Disposição espacial da narrativa de Marisa Orth (Canal GNT, 2019).

¹ A íntegra da narrativa está disponível em Canal GNT (2019).

Ainda na Figura 1, apresentada anteriormente, é possível observar alguns elementos importantes que fazem parte da configuração espacial da narrativa com a qual trabalhamos: em A, temos a narradora em questão, a atriz Marisa Orth; em B, temos o apresentador do programa que, na maioria das vezes, possui o papel de mediador, uma vez que ele conhece previamente as histórias que serão narradas, atribuindo conexões entre elas; em C, temos Samantha Schmütz, interlocutora que, antes de Marisa Orth proferir a narrativa que analisamos, contou uma história a respeito de um encontro que também deu errado; em D, temos Ivete Sangalo, que muitas vezes interage com a narradora; em E, temos a plateia; e em F, temos o espaço que configura o semicírculo, que permite que o telespectador, de casa, sinta-se parte dessa roda de conversa.

Para realizar as análises das amostras selecionadas, com respaldo nos parâmetros do Sistema Linguístico de Anotação Gestual (LASG) (Bressem, Ladewig, & Müller, 2013), analisamos a forma do gesto. Já no que diz respeito à marcação de Espaços mentais por meio dos gestos, utilizamos os parâmetros de Cassell e McNeill (1990) que os relaciona com o segmento da narração em que determinada interação se ancora; seja ela parte de uma interação no aqui-agora (Espaço-base) ou parte de uma interação no mundo da narrativa (Espaço narrativo). Já no que diz respeito à marcação de Espaços Mentais por meio da direção do olhar, utilizamos os parâmetros de Sweetser e Stec (2016), em que o olhar pode representar tanto o olhar de uma personagem (no Espaço Narrativo) como o olhar do falante na interação (no Espaço-base).

Nos casos em que os gestos marcaram o Espaço narrativo, analisamos, com base em McNeill (1995), se eles se configuram como gestos do ponto de vista do observador (O-VPT) ou como gestos do ponto de vista da personagem (C-VPT). Da mesma maneira, nos casos em que a direção do olhar marcou o Espaço narrativo, analisamos, também, a sua função no interior da narrativa, de acordo com os pressupostos de Sweetser e Stec (2016): i) encenação da personagem e ii) narração propriamente dita. A fim de representar os dois articuladores multimodais com os quais trabalhamos, representamos com setas amarelas os gestos manuais e com setas vermelhas pontilhadas a direção do olhar.

Análise dos dados

Análise qualitativa das amostras

Nesta subseção, referente à análise qualitativa dos dados da narrativa em questão, apresentamos uma descrição das ocorrências referentes a três amostras de análise. O Sistema Linguístico de Anotação Gestual (LASG), conforme explicam Bressem et al. (2013), no que diz respeito à anotação da fala, sugere o sistema GAT 2 (*Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem*) (Selting et al., 2009), em português, Sistema de Transcrição para Análise da Conversa que, de acordo com Schröder e colaboradores (2016), “[...] é um sistema de transcrição para notação da fala e prosódia da fala-em-interação cotidiana autêntica” (Schröder et al, 2016, p. 8). Nesse sentido, em cada ocorrência, transcrevemos, com base no GAT 2 (Selting et al., 2009), a fala que coocorre com os marcadores multimodais analisados.

Na Figura 2 a seguir, apresentamos a representação multimodal da ocorrência 1 que corresponde ao momento no qual a atriz direciona o olhar e o corpo a um dos seus interlocutores e apresenta o plano de fundo de sua narrativa, indicando os personagens envolvidos na situação comunicativa: MO para Marisa Orth, FP para Fábio Porchat, IS para Ivete Sangalo e SS para Samantha Schmütz. Nessa ocorrência, a atriz, conforme é possível observar a seguir, solicita o turno de fala ao apresentador e, então, inicia a narração, indicando, por meio do gesto utilizado e da marcação da direção do olhar, que sua narrativa se relaciona com a narrativa de Samanta Schümtz².

No que diz respeito a essa ocorrência, notamos que a excursão gestual é iniciada com um gesto de apontar que ocorre com a sequência ‘01’ “[...] lembro muito de uma história assim”, indicando que, apesar de a interação ser composta por vários ouvintes, a narradora endereça o seu corpo com mais frequência para Samantha Schümtz, que está localizada à sua direita. No que diz respeito ao turno de fala, quando Marisa Orth anuncia que iniciará sua narrativa e, por conseguinte, enuncia a sequência ‘01’, notamos que o gesto de apontar é realizado para indicar que sua história possui semelhanças com a narrativa contada por Samantha Schümtz, que também diz respeito a um encontro romântico. Também por isso, o tronco da narradora está direcionado para a direita.

² Samantha Schmütz, na narrativa que contou no programa, revelou detalhes de uma história que aconteceu durante uma viagem internacional. No México, a atriz e comediante conheceu um rapaz durante uma viagem e as coisas não foram bem como planejadas. Assim que ela termina de contar sua história, a atriz Marisa Orth pede o turno de fala “Posso contar minha história? Lembro muito uma história assim”.



01: MO lembro muito uma história assim

02: (gesto)



03 MO: me lembro muito uma história sim

04 eu tava solteira

05 <<apontando com o dedo indicador da mão direita em

06 direção à direita>>

Figura 2. Representação multimodal da ocorrência 1. Transcrição elaborada pelo pesquisador (Canal GNT, 2019).

Na retração, o gesto é composto por uma mão aberta, com a palma para baixo. A mão também está direcionada para fora do corpo da falante, em direção à mesma interlocutora, conforme a seta em amarelo, assim como a direção do movimento. A direção do olhar, representada pela seta vermelha pontilhada está alocada no Espaço-base, uma vez que essa interação acontece entre a falante e uma interlocutora presente na cena interativa. Trata-se, portanto, de uma marcação do Espaço-base, tanto pelo olhar – ela direciona o olhar para um interlocutor imediato, – quanto pelos gestos – o gesto em questão trata-se de um gesto no nível paranarrativo que coocorre com a sequência ‘03’ “eu tava solteira”.

Conforme afirmam Cassell e McNeill (1990), essa ocorrência faz parte do terceiro nível narrativo, denominado nível paranarrativo, pois, nesse caso, a narradora inicia a história, mas direciona as mãos e o olhar a uma interlocutora presente na cena imediata de interação. Ela exerce, predominantemente, o papel de participante da cena interativa. Em outras palavras, embora assuma a posição de narradora, nesse trecho, a falante, além de endereçar o olhar, realiza gestos dêiticos prototípicos (Avelar, Ferrari, & Pacheco, 2022), ao apontar – tanto através do dedo indicador, como através da mão aberta com a palma para baixo – para Samantha Schmütz, que, conforme mencionamos anteriormente, havia contado uma história que também dizia respeito a uma desventura amorosa. Associando o nível paranarrativo às discussões propostas por Dancygier (2011), verificamos, no âmbito das escolhas lexicais, a utilização do discurso indireto, que representa a intervenção da narradora. Essa análise se justifica, portanto, pelo fato de tratarmos as narrativas como construções linguísticas. Isto é: elas representam parte do discurso considerado natural e, ao analisar, as escolhas lexicais que emergem da narrativa, é possível verificar como o sentido é construído para além da superfície, a partir da verificação de como o Espaço narrativo, que contém as informações de uma realidade alternativa, pode ser evocado a partir do Espaço-base, que contém as informações do ‘aqui-agora’, representado pela interação imediata. Desse modo, quando se utilizam, por exemplo, os pronomes pessoais e a dêixis, cria-se, a partir dessa utilização, um espaço que se refere a um ato comunicativo que ocorre dentro de um determinado espaço temporal no qual se limita a narrativa.

Em seguida, conforme Figura 3, pode-se verificar a representação multimodal da ocorrência 2:

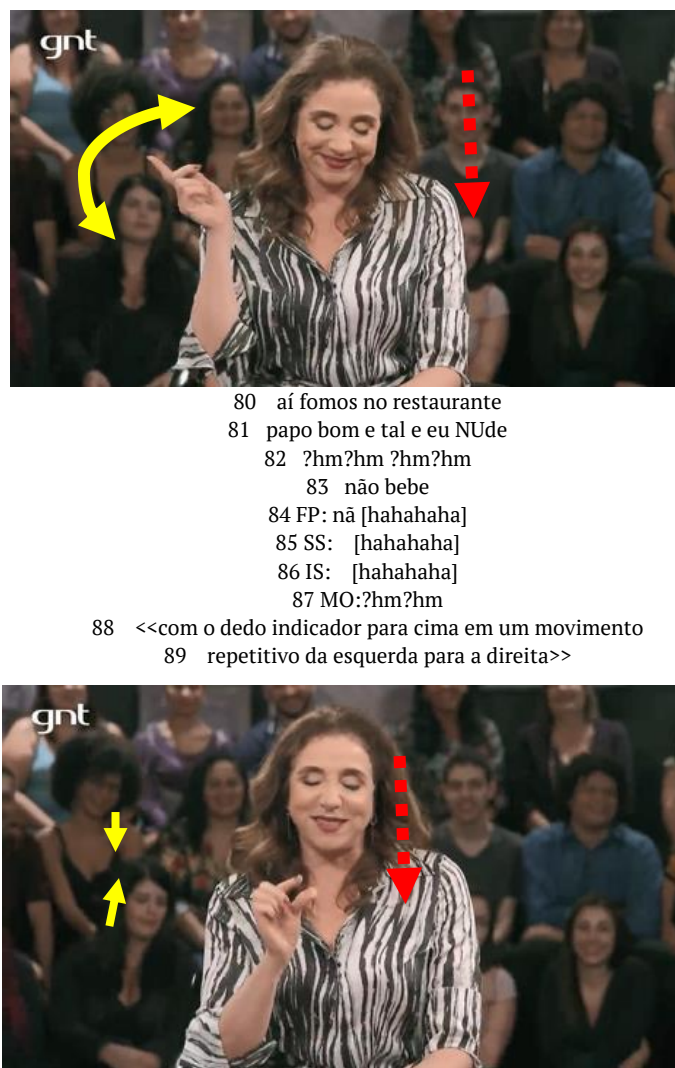


Figura 3. Representação multimodal da ocorrência 2. Transcrição elaborada pelo pesquisador (Canal GNT, 2019).

Nessa ocorrência, foi possível observar, com base no LASG (Bressem et al., 2013), que a frase gestual, composta por dois núcleos, inicia-se com um gesto realizado com o dedo indicador da mão direita da narradora, com a palma lateral, que representa o gesto clássico de negação, em um movimento repetitivo e arqueado para a esquerda e depois para a direita. Esse gesto coocorre com a interjeição comunicativa negativa em ‘87 MO:?hm?hm,’ que faz parte de uma reencenação que, na pergunta ‘83 não bebe’ representa o homem e, na resposta, momento no qual ocorre o gesto, representa a reencenação do ‘eu passado’ de Marisa Orth, que assume o ponto de vista de personagem (C-VPT) do diálogo reproduzido por ela. Já na retração, no momento em que as mãos da narradora retornam à posição de descanso, verificamos a realização de um novo gesto, em que há a combinação dos dedos indicador e polegar, em um movimento que diminui a distância entre eles que representa, por meio da modalidade gestual, a quantidade de bebida que a personagem ingeria no momento do diálogo. Nesse caso, o gesto exerce a função de fornecer informações – no caso, a informação ‘um pouquinho’ – que não estão presentes na fala.

Os gestos realizados marcam o Espaço narrativo pois coocorrem numa sequência de eventos relatada por meio do discurso direto, ou seja, do diálogo que ocorre entre dois personagens no enredo contado. Do mesmo modo, em relação à direção do olhar, consideramos uma marcação do Espaço Narrativo, já que, em ambos os casos, está direcionado para baixo e cumpre a função de ‘encenação de uma personagem’. Conforme Dancygier (2011), os recursos narrativos podem se relacionar com os gestos da seguinte maneira: a presença dos gestos em coocorrência com o discurso direto (tal como é possível observar em ‘87 MO:?hm?hm’) confirmam o ponto de vista gestual C-VPT, conforme McNeill (1995), ao representar a personagem que, nesse caso, corresponde ao eu-passado de Marisa Orth.

Na Figura 4, a seguir, observa-se a ocorrência 3 e sua representação multimodal:



135 FP: um outro homem
 136 um outro rapaz:
 137 MO: foi esse TEMpo
 138 <<mãos com as palmas diagonais em um movimento
 139 ascendente>>



140 sentiram a biGORna que caiu na sala
 141 SS: NOSsa
 142 MO: foi mais ou menos essa biGORna que eu recebi

Figura 4. Representação multimodal da ocorrência 3. Transcrição elaborada pelo pesquisador (Canal GNT, 2019).

Nesta ocorrência, observamos, a partir dos parâmetros do LASG (Bressem et al., 2013), que a sequência gestual é iniciada com um gesto realizado por ambas as mãos, com as palmas diagonais, em um movimento ascendente e reto, que coocorre com o segmento ‘137 MO: foi esse TEMpo’. Na retração, o gesto coocorre com o segmento ‘140 sentiram a biGORna que caiu na sala’, com as mãos em um movimento descendente. Ao analisar essa sequência gestual, em que as palmas se encontram voltadas uma para a outra ‘como se’ (*as-if*) (Cienki, 2005) a narradora estivesse segurando, em um primeiro momento, a ideia de tempo, o que evidencia a metáfora ‘ideias são objetos’ (McNeill, Cassell, & Levy, 1993).

Considerando os pressupostos de Cassell e McNeill (1990), verificamos que o Espaço Narrativo é marcado por um gesto metafórico, uma vez que torna a instância de tempo como um objeto observado no interior da narrativa. Ao levarmos em consideração as discussões de Dancygier (2011), é possível observar a presença do discurso indireto em ‘137 MO: foi esse TEMpo’. Nesse segmento, o gesto coocorrente faz referência a um objeto – que, nesse caso se configura como um objeto metafórico – que faz parte da história, a partir do ponto de vista do observador (O-VPT), ou seja, da perspectiva de fora do enredo, conforme McNeill (1995).

No que se refere à direção do olhar, de acordo com Sweetser e Stec (2016), em um primeiro momento, a narradora olha para a esquerda, onde encontra-se uma de suas interlocutoras imediatas (Ivete Sangalo), e em seguida, olha para a direita, onde encontra-se outra interlocutora imediata (Samantha Schmütz) – que interage com ela no segmento ‘05 SS: 141 SS: NOSsa’ –, o que evidencia uma interação no Espaço-base que diz respeito ao segmento ‘140 sentiram a biGORna que caiu na sala’. Neste trecho, assim como no primeiro trecho da primeira ocorrência, Marisa Orth assume o papel de falante, atuando, predominantemente, no nível paranarrativo, uma vez que resume, por meio da metáfora linguística ‘Desconforto é bigorna que caiu’³, o desfecho da narrativa contada a

³ A metáfora linguística em questão constitui um desdobramento da metáfora conceptual ‘ideias são objetos’.

seus interlocutores. De acordo com Sweetser e Stec (2016), o Espaço-base da interação está sempre presente na narração oral. Sendo assim, quando o corpo e o olhar do narrador não se direcionam aos interlocutores imediatos, representando vividamente as personagens da narração, potencia problemas relativos à comunicação – como o fato de os interlocutores se sentirem ofendidos – não ocorrem, pois este comportamento está enraizado na comunicação humana. Por essa razão, inclusive, os falantes tendem a buscar o olhar dos interlocutores para assegurar que a atenção apropriada está sendo dada às sequências reencenadas, assim como para interagir com os demais participantes da cena imediata de interação.

Análise quantitativa descritiva da direção do olhar

Com base nessa discussão, analisamos a distribuição do tempo de direção do olhar em relação ao espaço físico, conforme é possível observar na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1. Distribuição do olhar em relação ao espaço físico.

	Espaço-base				Espaço narrativo	
	AB	AC	AD	PC	PB	PF
	39,2%	19,6%	14,2%	5,3%	14,2%	7,1%
Total (aprox..)	73%				27%	

Legenda: AB: A narradora (A) direciona o olhar para Fábio Porchat (B); AC: A narradora (A); direciona o olhar para Samantha Schümtz (C); AD: A narradora (A) direciona o olhar para Ivete Sangalo (D); PC: A narradora direciona o olhar para cima; PB: A narradora direciona o olhar para baixo; PF: A narradora direciona o olhar para frente.

Fonte: Dados do pesquisador.

No sentido de tratar os dados representados na Tabela 1 a partir do tempo absoluto, partimos para a análise da distribuição do olhar na interação em termos de segundos. Excluímos da nossa análise os excertos nos quais não se consegue visualizar as mãos, o rosto do indivíduo analisado (no caso, a atriz Marisa Orth), e, conseqüentemente, a direção para a qual o olhar é lançado. Sendo assim, embora o vídeo analisado, na íntegra, possua cerca de cinco minutos de duração, o trecho útil para a análise compreende, aproximadamente, quatro minutos e vinte segundos (cerca de 256 segundos). A fim de visualizar, na narrativa escolhida, como a direção do olhar foi distribuída, elaboramos a Figura 5.

Dos 256 segundos analisados, observamos que, na maior parte do tempo, a narradora marcou o Espaço-base a partir da direção do olhar, sendo deles, aproximadamente 100 segundos, nos quais a narradora (A) interagiu com Fábio Porchat (B). Na nossa interpretação, esse dado se justifica pelo fato de o interlocutor B ser o apresentador do programa, e, por conseqüência, o interactante responsável por mediar a conversa, fazendo, quando preciso, interrupções.

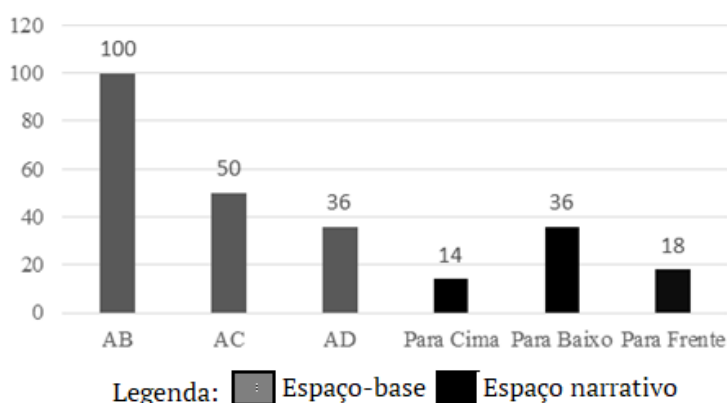


Figura 5. Distribuição da direção do olhar em segundos (s) (Dados do pesquisador).

Quando se trata da marcação do Espaço Narrativo, o olhar foi direcionado, majoritariamente, para baixo, totalizando, portanto, aproximadamente 36 segundos. De acordo com a nossa interpretação, a predominância do olhar para baixo, no Espaço Narrativo, se justifica pela tentativa da narradora de reconstruir e, mais importante, reencenar o conceito da ‘mulher discreta’, que olha para baixo com recorrência, no sentido de demonstrar comedimento, que, a partir de uma perspectiva sexista, seria o ideal para o primeiro encontro.

Discussão

Na Tabela 2, a seguir, é possível observar a visão geral das ocorrências analisadas e suas respectivas categorizações.

Tabela 2. Visão geral das ocorrências.

Ocorrência	Descrição Gestual	Marcação de MS pelos Gestos	Marcação de MS pela dir. do olhar	Ponto de Vista gestual	Função da dir. do olhar no Interior da Narrativa
Ocorrência 1  eu tava solteira	Mão aberta, palma para baixo, movimento para a direita	EB	EB		
Ocorrência 2  ?hm?hm	Dedo individual (indicador), palma lateral, repetição gestual	EN	EN	Personagem	Encenação
Ocorrência 3  foi esse Tempo	Mãos abertas, palmas diagonais, movimento ascendente	EN	EB	Observador	

Legenda: MS: Espaços Mentais (*Mental Spaces*); EN: Espaço Narrativo (*Story Space*); EB: Espaço-base (*Ground*).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme observa-se na Tabela 2, a fim de discutir os resultados, apresentamos uma discussão mais geral dos parâmetros de marcação de Espaços mentais nas três ocorrências analisadas. No que diz respeito aos gestos manuais, encontramos uma marcação do Espaço-base (ocorrência 1), e duas marcações do Espaço narrativo (ocorrências 2 e 3). Já no que diz respeito à direção do olhar, encontramos duas marcações do Espaço-base (ocorrências 1 e 3) e uma marcação do Espaço narrativo (ocorrência 2). Ao conectarmos as ocorrências, é possível observar que, nas ocorrências 1 e 2 os gestos e a direção do olhar marcam simultaneamente o mesmo Espaço mental (seja ele o Espaço-base ou o Espaço narrativo), enquanto na ocorrência 3, os articuladores marcam, independentemente, Espaços mentais diferentes.

Em relação ao Ponto de Vista Gestual, encontramos uma ocorrência cujo gesto marca o ponto de vista da personagem (C-VPT) (ocorrência 2) e uma ocorrência cujo gesto marca o ponto de vista do observador (O-VPT) (ocorrência 3). Em seguida, no que se refere à função da direção do olhar, conforme explicamos anteriormente, Sweetser e Stec (2016) demonstram que o olhar de um falante, assim como a direção da cabeça e as expressões faciais podem representar ações relativas a uma personagem da narrativa, assim como podem fazer parte da narração propriamente dita. Sendo assim, apenas na ocorrência 2, a direção do olhar marca o Espaço narrativo. Levando em consideração a única ocorrência que atendeu os critérios de análise de função da direção do olhar na narrativa (ocorrência 2), encontramos a função da encenação de uma personagem, uma vez que o articulador não está marcando a sequência linear da história e diz respeito à encenação de uma personagem específica da narração: o eu-passado da narradora.

Partindo para a inter-relação entre os articuladores multimodais analisados, é possível verificar como a narradora, no contexto da narrativa que analisamos, não lida somente com a administração de escolhas

linguísticas: ela administra, também, o seu espaço gestual, os movimentos e ações corporais. Ainda, avaliando a configuração física da interação, foi possível observar também os recursos que ela utilizou para interagir com interlocutores específicos – por exemplo, ela inicia a narração de sua história articulando uma conexão entre a história da convidada que havia acabado de contar uma história e, nesse momento específico da narração, ela direciona seu corpo, seu olhar e o gesto de apontar para a convidada que, nesse caso, é a atriz Samantha Schmütz. Essa interação, levando em consideração o Espaço-base, está situada no aqui-agora.

Além disso, conforme demonstramos na análise quantitativa descritiva, a narradora representa o conteúdo do Espaço narrativo, direcionando seu olhar para lugares específicos do espaço físico a depender da necessidade de reencenação ou interação imediata, conforme ocorre na Ocorrência 2. Conforme explicam Sweetser e Stec (2016), esses fenômenos que mencionamos são explicados a partir da representação de diferentes Espaços mentais, utilizando o quadro teórico proposto por Fauconnier (1994). É a partir dessa perspectiva, portanto, que Sweetser e Stec (2016) discutem os processos de compartilhamento de atenção entre os interlocutores. Ainda, em concordância com os resultados de pesquisa de Sweetser e Stec (2016), identificamos que, em relação à divisão do espaço gestual, a linha Falante-Ouvinte, na narrativa que analisamos, corresponde ao *locus* dos gestos interacionais referentes ao Espaço-base, enquanto os gestos que ocorrem em um dos lados dessa linha dizem respeito ao Espaço narrativo.

Considerações finais

Em linhas gerais, foi possível verificar, a partir das análises e da discussão dos dados, que o material verbal (a fala) e não-verbal (os gestos e a direção do olhar) demonstram que, ao longo do curso narrativo, os indivíduos se valem de estratégias cognitivas elaboradas para marcar diferentes focos narrativos – por meio da utilização do discurso direto ou indireto; diferentes pontos de vista – de dentro ou de fora da cena narrada – e, cognitivamente, diferentes Espaços mentais – o Espaço-base e o Espaço narrativo, marcados, respectivamente, pela direção do olhar na linha falante-ouvinte e para baixo ou para as laterais. Por fim, a direção do olhar constitui outro articulador importante para a realização do nosso estudo. Buscamos, principalmente, a partir das análises realizadas por Sweetser e Stec (2016) investigar os modos como a direção do olhar expressam a conexão entre indivíduos interactantes em dados multimodais, assim como marcam os pontos de vista (re)encenados na narrativa.

Agradecimentos

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelas bolsas concedidas para a realização desta pesquisa.

Referências

- Avelar, M., Ferrari, L., & Pacheco, V. (2022). Prototypical and metaphorical uses for locative deixis in Brazilian Portuguese and American English: a verbo-gestural data analysis. In U. Schröder, M. M. Oliveira, & A. Tenuta (Eds.), *Metaphorical conceptualizations: (Inter) cultural perspectives* (p. 223-250). Boston, MA: De Gruyter Mouton.
- Bressem, J., Ladewig, S. H., & Müller, C. (2013). Linguistic annotation system for gestures. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf (Eds.), *Body – language – communication: an international handbook on multimodal language and communication* (p. 1098-1124). Boston, MA: De Gruyter Mouton.
- Canal GNT (2019, Novembro 12). *Que história é essa, Porchat?* [Arquivo de vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=knZomsaToOQ>
- Cassell, J., & McNeill, D. (1990). Gesture and ground. In *Proceedings of the 16^o Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society* (p. 57-68). Berkeley, CA.
- Cienki, A. (2005). Metaphor in the 'strict father' and 'nurturant parent' cognitive models: theoretical issues raised in an empirical study. *Cognitive Linguistics*, 16(2), 279-312. DOI: <https://doi.org/10.1515/cogl.2005.16.2.279>
- Dancygier, B. (2011). *The language of stories: a cognitive approach*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Dancygier, B., & Sweetser, E. (2012). *Viewpoint in language: a multimodal perspective*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

- Fauconnier, G. (1994). *Mental Spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Goodwin, C. (1983). Conversational organization. Interaction between speakers and hearers. *American Ethnologist*, 10(2), 405-406. DOI: <https://doi.org/10.1525/ae.1983.10.2.02a00430>
- Goodwin, C., & Goodwin, M. H. (1992). Assessments and the construction of context. In A. Duranti, & C. Goodwin (Eds.), *Rethinking context: language as an interactive phenomenon* (p. 147-189). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Kendon, A. (2004). *Gesture: visible actions as utterance*. Chicago, IL: Chicago University Press.
- McNeill, D. (1995). *Hand and mind: what gestures reveal about thought*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- McNeill, D., Cassell, J., & Levy, E. T. (1993). Abstract deixis. *Semiotica*, 95(1-2), 5-20. DOI: <https://doi.org/10.1515/semi.1993.95.1-2.5>
- Schröder, U., Mendes, M. C., Pires, C. C., Silva, D. H. A., Cunha Nascimento, T., & Paula, F. F. (2016). Um sistema para transcrever a fala-em-interação: GAT 2. *Veredas Revista de Estudos Linguísticos*, 20(2), 6-57.
- Selting, M., Auer, P., Barth-Weingarten, D., Bergmann, J. R., Bergmann, P., Birkner, K., ... Uhmann, S. (2009). Gesprächsanalytisches transkriptionssystem 2 (GAT 2). *Gesprächsforschung: online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion*, 12(1), 353-402.
- Sidnell, J. (2006). Coordinating gesture, talk, and gaze in reenactments. *Research on Language and Social Interaction*, 39(4), 377-409. DOI: https://doi.org/10.1207/s15327973rlsi3904_2
- Sweetser, E., & Stec, K. (2016). Maintaining multiple viewpoints with gaze. In B. Dancygier, W-L. Lu, & A. Verhagen (Eds.), *Viewpoint and the fabric of meaning: Form and use of viewpoint tools across languages and modalities* (p. 237-258). Boston, MA: De Gruyter Mouton.